

O CANTO DO CISNE

Poética e Psicanálise

Ruth Silviano Brandão*

RESUMO

Reflexão sobre as possibilidades de articulação entre literatura e psicanálise, quanto à abertura de novos campos de saber e de leitura. As dificuldades e querelas que essa articulação tem produzido na crítica literária brasileira

RÉSUMÉ

Ce texte propose une réflexion sur les possibilités d'articulation entre la littérature et la psychanalyse, en ce qui concerne l'ouverture d'un nouveau champ de savoir et de lecture, ainsi que les difficultés et les querelles que cette articulation vient provoquer dans la critique littéraire brésilienne.

* Professora de Literatura Brasileira da UFMG e membro do Simpósio do Campo Freudiano de Belo Horizonte.

Onde está o fundo? Será a ausência? Não. A ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir a ausência — como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio.

LACAN

São várias as questões que se levantam a propósito de leituras do texto literário que se valem de conceitos psicanalíticos, o que indica, talvez, uma inquietação relativa à própria psicanálise.

Se esse saber veio trazer a peste, como já disse Freud, essa peste tem características específicas, no campo da crítica literária. Peste paralisante, se for aplicada, de forma exclusiva, como se a literatura se reduzisse a uma leitura hermenêutica. Entretanto, se, como Lacan afirma, não há metalinguagem, é porque não há um significante que substitua outro e, assim, a psicanálise não deve funcionar como tal, em relação à literatura. Peste mortífera, se acaba por matar o texto na violência de uma interpretação que se quer única e verdadeira.

Mas peste, também, se consegue produzir bons efeitos de leitura, já que provoca tanta polêmica no campo da crítica literária. Principalmente, se produz um rigor teórico, que vai propiciar, não uma leitura superficial, mas uma leitura de superfície. Entretanto, esse mesmo operador pode, também, provocar, contraditoriamente, a diluição de um saber sustentado por uma lógica rigorosa, do qual leitores de última hora se apropriam de forma leviana e realmente superficial, quando nem sempre citam as fontes onde beberam, muitas vezes mal.

O instrumental operacional lacaniano pode ser extremamente eficaz, se o leitor for movido por uma pulsão

escopofílica incontrolável, que o leve a procurar respostas que outros saberes não lhe dão. Isso, talvez inquiete, já que o próprio Lacan é outra peste de difícil erradicação.

No Brasil, desde os anos 70, ou antes, a psicanálise se faz presente, com nomes como Leyla Perrone-Moisés, para citar apenas uma de suas melhores representantes. Em congressos, seminários, pesquisas apresentadas ao C.N.P.Q., as questões articuladas com a psicanálise se tentam responder, no mínimo alargando o campo do saber sobre o literário. Em outras palavras, existe uma respeitável crítica de suporte psicanalítico no Brasil, envolvida com questões várias, como as que passo a levantar.

A interseção ou interlocução da literatura com a psicanálise e da psicanálise com a literatura é possível produz efeitos, que, de alguma forma, alarguem o campo teórico das duas disciplinas que estão sempre transitando no solo da linguagem. Em algum lugar os dois saberes se tocam e esse toque é produtivo?

Há uma literaridade do literário que nos obrigue a pensar a literatura como lugar de produção de um discurso específico?

Seria possível marcar diferenças entre a leitura que se faz do texto literário e o texto do analisando, objeto de escuta do psicanalista?

A fixidez do fantasma e da ficção literária não teriam parentescos e diferenças, cuja abordagem exigiria gestos de extrema delicadeza que a interpretação poderia violentar?

A maneira de se ler um texto literário pode ser muito diferente se feita por um psicanalista e um analista literário, este último levando em conta os mecanismos escriturais da ficção realizada num espaço especial, espaço que *encena* é linguagem e suas peripécias, suas estratégias que envolvem jogos de engano, tecelagem de vozes que se enredam na rede enunciativa.

Jogo em que entra o leitor, por um pacto de leitura, de verossimilhança, que ele aceita ou não.

Se um texto é escrito em primeira pessoa, por exemplo, o *eu* que aí se encena não se confunde necessariamente com o autor de carne e osso que parece sustentar esse *eu*. Para o analista literário encontrar a "verdade" desse autor no texto é tarefa impensada e fadada ao fracasso. O personagem que aí se representa é de diversa textura do

eu de cada um de nós que também se representa no seu discurso, na sua condição de sujeito cindido.

Entretanto, a questão da representação na produção literária da contemporaneidade obriga a repensar a velha mimese que supunha uma realidade anterior à linguagem. Hoje cada vez mais se sabe que vivemos num universo signico e se há mimese e representação é dentro desse universo, muito mais criação de novos significantes do que *imitatio* do real. De uma certa forma, falando disso mesmo, afirma Italo Calvino:

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfos obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.¹

Além disso, o deslocamento da questão do sujeito, não mais dono de seu Verbo, não mais centro de uma consciência criadora onipotente, teve efeitos não só na produção literária, como na posição do leitor diante do texto.

Hoje, cabe a esse leitor muito mais reescrever o texto, marcá-lo com seu olhar, reorganizá-lo e participar de sua autoria, do que procurar uma pretensa verdade nas suas profundezas, como fazia a velha hermenêutica.

¹ CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.114.

Todas essas questões sobre o sujeito, a representação ou a verdade têm a ver com a psicanálise e a literatura. Hoje se sabe também da materialidade do significante e do deslizamento do sentido e, com isso, levam-se em conta as ressonâncias materiais do *corpus* literário, que é corpo mesmo e corpo erótico, como afirma Roland Barthes.²

A textura ou tessitura de um texto, sua concretude se revelam na percepção dos ruídos fônicos, na atenção que se dá ao jogo da letra que se move na página branca, aos gestos da escrita que produzem efeitos de leitura são questões da psicanálise e da literatura.

A literatura é um lugaréde onde se produzem textos, bibliotecas comunicantes que dialogam entre elas próprias, via leitura e sujeitos leitores que fazem textos e são causa de sua produção e é ainda Calvino que afirma:

*...quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.*³

Nessas leituras se escutam vozes múltiplas, porque os textos falam uns dos outros: há ecos, espelhos, ressonâncias. Nessa biblioteca, metáfora da literatura enquanto um lugar, circula um saber que não se captura todo, nunca.

Ela — a biblioteca — é também metáfora do Universo, como quer Borges e sua biblioteca fantástica, a *Biblioteca de Babel*⁴, onde as línguas se desentendem, onde os textos proliferam, onde os sujeitos se representam, e a verdade sempre escapa.

² BARTHES, R. *O prazer do texto*. Trad. J.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1973. p.25.

³ CALVINO. op. cit., p.138.

⁴ BORGES, J.L. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

E *texto*, lugar onde o corpo se inscreve, é objeto da literatura e da psicanálise. A psicanálise fez a literatura se pensar e se repensar como letra, linguagem que tem seu porto em si mesma, que se ensimesma e, se é representação, se quer também apresentação. Ensimesmada pode ser a literatura da contemporaneidade: debruçada em seus jogos de sentido, sabendo que no próprio trajeto de seus ruídos se faz ler, se soletra e aí se apaga o sujeito, aí ele se apresenta como significante.

Levando aos últimos limites as potencialidades narrativas, o texto desiste da mimese, desiste de copiar o real que inexistente, além do signo. Desiste do signo enquanto unidade, enquanto verdade aquém do verbo e chega ao significante, como num poema de Orides Fontela, *CISNES*, onde o signo é cisne, só cisne.

*Humanizar o cisne
é violentá-lo. Mas
também quem nos dirá
o arisco esplendor
— a presença do cisne?*

*Como dizê-lo? Densa
palavra fere
o branco
expulsa a presença e — humana —
é esplendor memória
e sangue
e
resta
não o cisne: a
palavra
— a palavra mesmo
cisne*

Humanizar o cisne é provocar sua morte, é simbolizar, é fazer o gesto de representá-lo — noutra lugar — fazendo dele seu

5 FONTELA, Orides. *Alba*. São Paulo: Roswitha Kempf, 1983.

próprio duplo. É falar da estranha ausência de uma presença, esse impossível projeto. E aqui o texto dessimboliza, des-representa ou representa como significante, nu, sem significado, desprovido das penas aurificadas do cisne. E a palavra debruça-se sobre si mesma, destituída de seu projeto de recriar a coisa: ela se reinaugura na coisa, como objeto a. Aliás, nenhum outro saber há para melhor dizer sobre a questão da representação, na contemporaneidade, que a psicanálise lacaniana e sua teoria do significante.

Se o canto do cisne é canto de morte, a morte é condição de canto e do encanto, em vez de puro silêncio, onde pode se abismar o sujeito na sua alienação. Em torno da morte e seu irrepresentável mistério, nas bordas de seu espantoso silêncio — daí — se faz e se escuta o cisne, num outro canto, se tecendo, interminavelmente, sustentando os tons de seu acorde.

Enquanto há morte, há vida — pode-se pensar — e não o contrário, já que é a morte que provoca o canto e falar do cisne é fazê-lo se apagar, se calar, virar "a palavra mesmo - cisne", escavando a brancura muda da página.

E cisne podem ser os sujeitos que margeiam a morte, sabem dela e fazem dela condição de linguagem e de vida. Metáfora do sujeito falante, aquele que fala porque há perda, há falta, o cisne é também metáfora de palavra que se constrói da morte e se faz ouvir. A palavra fazendo o cisne, outro cisne, dizendo dele que não sabe dela, sua palavra, seu signo.

O canto do cisne não é poesia, mas a palavra que se faz cisne é. Torna-se letra do corpo do poeta, com seu estilo, seu stylo, metonímia do corpo, onde tudo pulsa e por onde tudo passa e esse pulsar da letra no corpo torna o cisne coisa poética.

Aí onde o canto do cisne pulsou, persistem as ressonâncias que ecoam na memória do leitor, marcada pelo cisne com seu canto nascido na beirada da morte que o gera, no seu bojo mesmo.

E são os cisnes puro signo e canto que constituem o sujeito, esse objeto feito de palavras, que delas extrai seu cântico e seu vô, deixando de rastejar — se for poeta — em torno da ausência, puxando o fio das bordas que o margeiam. O fio se faz tessitura, textura, tecido-texto, a partir da morte, mas num canto que faz signo, fascina: o canto do cisne, du cygne, signe, signo esgarçado porque perpassado pela presença/ausência da morte, lugar onde ele mesmo, o

poeta, pode se abismar, já que essas bordas são finas bordas, finos limites.

Será que esse canto de ausência e presença é como o grito que faz existir o silêncio, significando-o? E assim, se o significanto tem uma função criadora, como pode ele anunciar a morte? Ou ser condição de vida, essa que se constrói e tece margeando a morte? Talvez a resposta seja a possibilidade de "fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a rvore na primavera e a rvore no outono, a pedra, o cimento, o plástico".⁶

⁶ CALVINO. op. cit. p.138.